

O que Significa Crer?

por Dr. Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Examinação

Pergunta: O que significa “crer” ou ter “fé”? Alguns escritores dizem que a fé vai além do assentimento à verdade e envolve confiança pessoal. Outros escritores reagem contra a idéia e fazem o crer parecer completamente intelectual. Como deveríamos, como cristãos, ver o “crer” na Bíblia ou o ter “fé” em Jesus?

Resposta: Para nos ajudar com os muitos conceitos confusos que são possíveis quando chegamos à natureza da fé (crer, acreditar), deixe-me primeiramente oferecer uma análise filosófica – de certa forma seca e técnica, mas ainda um pré-requisito para a clareza. Então, em segundo lugar, poderemos nos voltar para examinar o uso bíblico dos termos para crer ou fé. Finalmente, poderemos observar algumas aplicações práticas para a nossa teologia e apologética.

Análise do Conceito

Deveríamos começar observando o fato que, no sentido mais geral da palavra, há muitos, muitos tipos diferentes de crenças, fontes de crença, e conseqüências de crenças. Observe as nuances:

- Algumas vezes falamos de um evento mental como uma crença, enquanto em outros momentos pensamos em crença como uma disposição para agir de certas maneiras.
- Crenças são sustentadas com diferentes *graus* de confiança (cf. suspeitas, opiniões e convicções).
- Algumas crenças são espontâneas, mas outras são derivadas por investigação mental e inferência. Algumas crenças são sujeitas ao controle voluntário, enquanto nem todas parecem ser assim.
- Algumas crenças demonstram *confissão* pessoal; algumas são sustentadas sem muita reflexão.
- Algumas crenças têm conseqüências numerosas ou importantes, enquanto outras são relativamente insignificantes.
- Algumas crenças são *normativas* para nós, algumas até mesmo incorrigíveis, e ainda algumas mantidas somente por esforço concentrado.
- Algumas crenças são irracionais ou sustentadas inconsistentemente, etc.

Em todos os casos acima ainda estamos tratando com o que é legitimamente chamado “crer”, “ter uma crença”, ou “ter fé”. Tentando tomar essa diversidade em conta, podemos oferecer uma caracterização geral de crença (crer-que) como uma atitude cognitiva positiva para com uma proposição, um estado mental que dirige ações no qual

uma pessoa confia (quer intermitentemente ou continuamente) em suas inferências teóricas ou ações e planos práticos.

Deixe-me tentar explicar brevemente os diferentes aspectos dessa caracterização técnica. Os estados mentais ou atitudes cognitivas que chamamos de “crenças” de uma pessoa são distintas uma das outras pelas *proposições* que são os seus objetos pretendidos.

Crença é, em distinção de meramente abrigar um pensamento ou hipótese, uma atitude positiva para com uma proposição, significando que uma pessoa confia nela – quer conscientemente (como em assentimento) ou não – para *guiar suas ações*.

E aquelas ações podem ser mentais (por exemplo, traçar uma inferência a partir de certas proposições) ou corporais (por exemplo, comprar o item que você crê ser o melhor a se comprar). Contudo, as ações conseqüentes a uma crença nem sempre são desses três tipos; conhecemos pessoas que se comportam exteriormente em termos de uma crença que é muito dolorosa para ser expressa verbalmente. De fato, mesmo o que as pessoas afirmam verbalmente ser suas crenças está sujeito ao engano e erro (por exemplo, seus amigos podem reconhecer, à luz do seu comportamento social, o vazio da sua confissão de igualdade racial, mesmo quando você não suspeita dessa sua própria insinceridade).

Deveria ser observado adicionalmente que uma crença nem sempre precisa se manifestar: o estado mental pode frequentemente estar quiescente, e até mesmo seu modo de atividade pode ser meramente periódico (dependendo das mudanças de circunstâncias de uma pessoa e de outras atitudes ou desejos). Contudo, a capacidade causal do estado mental de afetar a atividade mental, verbal e corporal não é dependente de algum estímulo externo (como um behaviorista poderia sugerir), mas pode ser exercitado à vontade pela pessoa que crê na proposição em questão.

O Uso Bíblico de “Crer” e “Fé”

Os vários aspectos do conceito precedente de crença são refletidos no testemunho bíblico sobre a natureza do crer, da crença ou fé. Eu te encorajaria a examinar as várias citações que serão dadas para cada aspecto do conceito de crença que foram oferecidos.

Crença é uma atitude positiva (“certeza... convicção” em Hebreus 11:1; cf. Tiago 1:6) para com proposições que têm sido ouvidas ou lidas (Romanos 10:14; cf. João 5:24; Atos 24:14; I Coríntios 1:21; 1 Tessalonicenses 2:13; 2 Tessalonicenses 2:13).

Crença é tratada como um evento datável (e.g., Romanos 13:11; 1 Tessalonicenses 2:13) bem como um estado de mente (e.g., Romanos 15:13; Colossenses 1:23; 1 Timóteo 1:5, 13). Esse estado de mente pode ser temporário (Lucas 8:13; Hebreus 10:35, 38-39) ou duradouro. Isso depende de se a fé vem de Deus e está fundamentada nele (e.g., Efésios 2:8-9; 1 Coríntios 2:5; 1 Tessalonicenses 2:13; 2 Tessalonicenses 2:13; 2 Timóteo 1:12; 1 Pedro 1:4-5, 9) ou não.

Quando homens vivem na fé, a sua crença intermitentemente se expressa sempre que uma ocasião relevante a requeira (e.g., Abraão e Moisés em Hebreus 11:8-9, 17, 23-28;

cf. James 1:2-3); todavia, há outro sentido no qual sua fé está continuamente operante na vida (e.g., 1 Timóteo 6:12; 2 Timóteo 4:7; Hebreus 4:1-11; 10:38-39).

Crença carrega diferentes graus de confiança (e.g., Marcos 9:24; Lucas 17:5; Romanos 4:19-21). Ela se expressa em inferências mentais (e.g., Hebreus 11:3; Romanos 4:20-21), em observações verbais (e.g., Romanos 10:9-10; 2 Coríntios 4:13), e no comportamento prático da pessoa (e.g., James 2:14-20; Hebreus 11:4ss.; cf. Lucas 8:15; 1 Tessalonicenses 2:3; 1 Timóteo 4:10). Finalmente, há um sentido no qual a crença não é simplesmente uma resposta passiva a um estímulo externo, mas é exercida pela vontade – visto que ela está moralmente imposta sobre os homens, tanto em seu início (e.g., Marcos 1:15; João 20:27; Atos 16:31) como em sua operação contínua (e.g., I João 3:23; Efésios 6:16; Colossenses 1:23; 2:7; cf. 2 Timóteo 3:14).

Algumas Observações e Aplicações

Não há vocabulário separado no Novo Testamento Grego para “crença” em contraposição à “fé”; ambos os termos em português são expressos com *pisteuo* (o verbo) e *pistis* (o substantivo). Contudo, o testemunho bíblico, assim como o português moderno, utilizam não somente a expressão “crer que” (alguma *proposição* é verdadeira), mas também a expressão “crer em” ou “crer na” (a confiança, integridade ou autenticidade de alguma *pessoa*). As últimas expressões são frequentemente intensivas no grego: crer “em” ou “sobre” uma pessoa. Esses diferentes usos de “crer” podem ser rapidamente ilustrados. A pessoa que se aproxima de Deus deve “crer *que* ele existe” (Hebreus 11:6); para ser salvo, ele deve “crer que Deus ressuscitou [Cristo] dos mortos” (Romanos 10:9). Justificação é a benção daqueles que “crêem *naquele*” que ressuscitou a Jesus (Romanos 4:24); ninguém que crê “nele” será envergonhado (10:11). Falando de si mesmo, Jesus disse que todos que crêem “*nele*” terão vida eterna (João 3:15) - que é o mesmo que crer “nele” de acordo com o próximo versículo. Seria um engano pensar que quando a Bíblia fala de confiar em alguém – crer “em” (ou “sobre”) ele – esse ato/estado mental pode ser separado do crer nas proposições sobre essa pessoa ou expressas por ela (cf. “crer que...”). Ter fé *em* Cristo, por exemplo, equivale a crer *que* o que Cristo reivindica sobre si mesmo era verdade, que Deus o ressuscitou dos mortos na história, etc.

Contudo, é possível crer numa série de proposições verdadeiras sobre Deus, e até mesmo responder àquelas proposições numa forma muito visível – “crendo” assim genuinamente nelas – e, todavia, *não* ter a resposta de “confiança” ou “fé” salvífica. Como Tiago nos lembra: “Até os demônios crêem e estremeçam”. O não-cristão conhece, e assim crê, na verdade sobre Deus, mas ela a suprime em injustiça (Romanos 1:18-20); ele responde a isso não glorificando ou dando graças a Deus, mas se tornando intelectualmente tolo, moralmente obscurecido e idólatra (vv. 21-23). Assim, fé (genericamente falando) – crer em certas proposições – e fé salvífica não deveriam ser consideradas idênticas. A resposta que é associada com a fé verdadeira, viva e salvífica é aquela de obras de obediência (Tiago 2:17), paz com Deus (Romanos 5:1), esperança (v. 5; cf. Hebreus 11:1), regozijo (v. 11), etc.

Uma aplicação final pode ser feita das observações e distinções feitas nas discussões anteriores, levando em conta agora o fator de o que as pessoas confessam ou declaram verbalmente sobre suas crenças. A profissão com os lábios é o reflexo natural de se crer

em certas proposições e/ou confiar em alguém de dentro do seu coração. Por exemplo: “Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação” (Romanos 10:10). Contudo, o que uma pessoa confessa não é um indicador *infallível* de suas crenças ou da atitude do seu coração. É possível honrar a Deus com os lábios e, todavia, ter um coração que está longe dele (Mateus 15:7-9, onde Jesus cita Isaías 29:13). Uma pessoa pode professar a religião e “dizer” que ele “tem fé”, e, todavia, estar enganando a si mesma (Tiago 1:22-27; 2:14-26). Como observado no início, “incrédulos” que professam não crer em Deus ou crer que Deus tem certo caráter são, todavia, “crentes” que suprimem a verdade que eles conhecem no fundo dos seus próprios corações – tendo uma “fé *não-salvífica*” (crer, mas responder com desobediência e recusa em professar a verdade).

Fonte: <http://www.cmfnow.com/articles/pa166.htm>